

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO

Esther Lopes Klein

“AMOR SOB CONTRATO”
UM PODCAST NARRATIVO SOBRE GÊNERO E EMOCIONALIDADES

Santa Maria, RS

2023

Esther Lopes Klein

**“AMOR SOB CONTRATO”:
UM PODCAST NARRATIVO SOBRE GÊNERO E EMOCIONALIDADES**

Projeto experimental de Graduação apresentado ao curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria como registro parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Ciências da Comunicação - Jornalismo.

Orientadora: Laura Strelow Storch

Santa Maria, RS

2023

Esther Lopes Klein

“AMOR SOB CONTRATO”:
UM PODCAST NARRATIVO SOBRE GÊNERO E EMOCIONALIDADES

Projeto experimental de Graduação apresentado ao curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria como registro parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Ciências da Comunicação - Jornalismo.

Aprovado em 20 de julho de 2023

Profa. Dra. Laura Strelow Storch (UFSM)
(Presidente/Orientadora)

Profa. Dra. Milena Carvalho Bezerra Freire De Oliveira Cruz (UFSM)

Ms. Luciane Treulieb (UFSM)

Santa Maria, RS

2023

*Às mulheres da minha vida, que me inspiraram
a fazer este trabalho ao perceber a semelhança
entre nossas histórias.*

AGRADECIMENTOS

Gostaria de começar agradecendo aos meus avós, Ernesto e Marlene. Mais especificamente, ao meu avô por sempre ressaltar a importância da educação, disposto a ajudar da forma que fosse, e à minha avó, observadora, quem muito me ensinou a importância da sensibilidade. Também agradeço à minha madrinha, Suzana, minha “segunda mãe”, que teve grande influência em minha trajetória educacional. Obrigada por sempre serem suporte!

Agradeço às pessoas que me auxiliaram na realização desse trabalho. À minha orientadora, Laura, que me guiou pelo processo - mesmo quando tudo parecia se tratar apenas de ideias abstratas em minha cabeça. Obrigada por me dar liberdade para criar e explorar! Às professoras Caciane Medeiros, Kalliandra Conrad e Jurema Brites pelas trocas e indicações de leitura.

Aos colegas que acompanharam minha trajetória na universidade, Ana, Thamires, Renata, Luã e, principalmente, David – quem emprestou o microfone para as gravações desse projeto: obrigada! David, obrigada pela paciência e pela prestatividade nesse período, parte disso foi graças a você!

Às minhas amigas-irmãs, Helena e Duda, sempre comigo, que me deram o empurrão inicial que eu precisava para começar e me encorajaram com palavras e energia. Vocês sabem (e não é de hoje): sou extremamente grata a vocês e à nossa história. Vocês me ensinam muito sobre o que é amor.

Agradeço também à minha mãe, Luciana, que foi suporte das mais diversas formas durante esse processo (e ao longo de minha vida). Obrigada por me incentivar, por acreditar, por respeitar nossas diferenças, abraçá-las e me permitir ser, mas, principalmente, por ter (e ter tido) coragem.

Por fim, obrigada, Fernando. Pelas ajudas imagináveis e inimagináveis. Pelo ombro amigo, pelo alívio cômico (muitas e muitas vezes) necessário, pela criação de toda a identidade visual e pela participação através de locução no meu trabalho, pelas incontáveis horas que você dispendeu para me ouvir e para me auxiliar nesse projeto. Obrigada por respeitar o meu processo e, não menos importante, obrigada por estar nessa jornada comigo, tentando descobrir novas formas de amar.

RESUMO

AMOR SOB CONTRATO: UM PODCAST NARRATIVO SOBRE GÊNERO E EMOCIONALIDADES

AUTORA: Esther Lopes Klein

ORIENTADORA: Laura Strelow Storch

Este trabalho de conclusão de curso trata de uma experimentação através do desenvolvimento de um podcast de jornalismo especializado, de estilo narrativo, com a temática de gênero e emocionalidades. Intitulado “Amor sob contrato”, o produto buscou responder à pergunta: como o patriarcado e o sistema capitalista influenciam a forma como nos relacionamos amorosamente? Neste texto, compartilho sobre o processo de produção e reflito acerca do produto e das escolhas que fiz ao longo de dois semestres. Inicialmente, apresento os referenciais teóricos para a construção do mesmo, perpassando pelo conceito de gênero, por uma contextualização histórica a partir de diferentes perspectivas feministas e por observações acerca da criação do podcast como formato. Ainda, aponto as considerações metodológicas pertinentes para a produção, considerando o método experimental, trabalhar gênero a partir de uma ótica de jornalismo especializado, e o estilo narrativo de podcast. Por fim, passo para a análise do produto, considerando aspectos como o arco narrativo, a criação de roteiro e locução, a edição - ao utilizar sons como ferramentas narrativas - e a identidade do podcast. Busquei experimentar através da criação da linha editorial do podcast; da elaboração e construção dos (3) episódios; e da exploração da linguagem verbal e não verbal (sons) a partir da escolha de um estilo narrativo. A intenção foi desenvolver um produto jornalístico contra hegemônico, que democratizasse informação acerca da temática.

Palavras-chave: Podcast. Gênero. Narrativa. Jornalismo especializado.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1. INTRODUÇÃO | 7 |
| 2. REFERENCIAL TEÓRICO | 10 |
| 2.1. GÊNERO, FEMINISMO E HISTÓRIA | 10 |
| 2.1.1. Conceito de gênero, feminismo e universalização masculina | 10 |
| 2.1.2. Pesquisas específicas: casamento, performance e emocionalidades | 13 |
| 2.2. O PODCAST | 15 |
| 2.2.1. Podcast como formato | 15 |
| 3. CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS | 17 |
| 3.1. MÉTODO EXPERIMENTAL | 17 |
| 3.2. APLICAÇÃO: UM CONTEÚDO JORNALÍSTICO DE GÊNERO | 18 |
| 3.3. O PODCAST NARRATIVO | 19 |
| 3.3.1. Sons | 19 |
| 3.3.2. Música | 20 |
| 3.3.3. Narração | 20 |
| 4. PRODUTO | 21 |
| 4.1. ARCO NARRATIVO | 21 |
| 4.2. ROTEIRO E GRAVAÇÃO | 23 |
| 4.3. RECURSOS SONOROS | 24 |
| 4.4. NOME E IDENTIDADE VISUAL | 26 |
| 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 28 |
| REFERÊNCIAS | 30 |
| APÊNDICE A – LISTA DE SONS | 31 |

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso trata-se de uma experimentação através do desenvolvimento de um podcast narrativo de jornalismo especializado, com a temática de gênero e emocionalidades¹. Através do produto, intitulado “Amor sob contrato”, busquei explorar a construção de narrativa e o uso da linguagem com a intenção de provocar e questionar o público acerca da temática, bem como democratizar conteúdos teóricos e densos para um público leigo. O projeto foi realizado ao longo de dois semestres, tendo como resultado uma temporada de três episódios que duram, em média, 20 minutos cada.

Um dos motivos pelo qual optei por um projeto experimental de podcast foi o fato de, desde o início da graduação, ter percebido afinidade ao trabalhar com conteúdos de áudio. Logo no primeiro semestre, ingressei no projeto de extensão do Programa de Educação Tutorial de Comunicação da UFSM, o “Ecolândia – O mundo onde a gente vive”. O projeto, que é um programa de rádio com uma abordagem de jornalismo comunitário, foi minha primeira experiência com o formato radiofônico, quando tive o primeiro contato com edição, locução e roteiro. Desde então, trabalhei com áudio diversas vezes ao longo dos anos – em disciplinas do curso e em projetos extracurriculares.

Citado pela primeira vez em 2004, o podcast representou uma nova forma de vivenciar a comunicação auditiva (BARBOSA, 2015). O formato, que ocupou espaço entre agregadores de áudio na internet, promoveu diversas mudanças na forma de consumir conteúdos sonoros, proporcionando mais liberdade ao ouvinte – como maior controle sobre quando, como e onde ouvir. Além disso, a possibilidade de pausar e retomar o conteúdo a qualquer momento, assim como maior poder de escolha entre as diferentes plataformas, estilos e temáticas são alguns dos seus diferenciais em relação às produções radiofônicas tradicionais.

Pensando na lógica do jornalismo especializado, também defini que gostaria de trabalhar com gênero, temática que me interessa desde a adolescência e que passei a ter mais contato durante a graduação. Ao longo do curso, participei de palestras e atividades que reforçaram meu interesse em estudos feministas. Também realizei uma Disciplina Complementar de Graduação sobre Comunicação e Gênero, ministrada pela professora Milena Carvalho Bezerra Freire De

¹ Termo citado por Zanello (2018) ao referenciar que as emocionalidades - ou seja, o âmbito das emoções, as formas como configuramos nossas vivências através de uma experiência emocional - são influenciadas, entre outros aspectos, pela cultura. Esse termo será retomado nos referenciais teóricos.

Oliveira Cruz (UFSM). Ainda, tive a oportunidade de participar do grupo de pesquisa Comunicação, Gênero e Desigualdades, coordenado pela professora Milena e pela professora da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Kalliandra Quevedo Conrad.

O que me direcionou a pensar em um trabalho que se arriscasse a falar sobre emocionalidades foi a leitura do livro “Tudo sobre o amor: novas perspectivas”, de Bell Hooks, que realizei ao longo de 2022. Entre as reflexões da autora, estava o fato de que parecia estar claro existir uma discrepância na experiência de amar entre homens e mulheres. Para os homens, existia uma facilidade, quase intrínseca, de ser amado, receber e acreditar ser merecedor de amor; e uma dificuldade de direcionar este amor para o outro. Para as mulheres, o movimento parecia ser contrário e, ao aprofundar a percepção acerca disso, percebi similaridades e padrões na minha própria vida pessoal e na de outras mulheres ao meu redor. Me questionei: por quê?

Para além disso, a extensão sempre foi algo que me interessou muito – principalmente a ideia de propagar informações que são discutidas na universidade para uma população mais geral. Em minha experiência na Revista Arco, de jornalismo científico e cultural da UFSM - e, na época, coordenada por Luciane Treulieb e Maurício Dias -, pude aprender e exercer o jornalismo através de uma pluralidade de abordagens. Durante esse período, entendi a importância da democratização da informação e, por mais que este produto não tenha como objetivo cumprir um papel de divulgação científica, com certeza minhas vivências na área influenciaram em algumas escolhas.

Foi a união desses três aspectos que me fez considerar fazer um produto que buscasse responder algumas das questões que surgiram ao ler Bell Hooks – ou que se propusesse, pelo menos, a perguntar. Dessa forma, o objetivo geral desse trabalho é a produção de um podcast narrativo de jornalismo especializado com a temática de gênero e emocionalidades. Entre os objetivos específicos, estão:

- Desenvolver a linha editorial do podcast, articulando a temática com a abordagem escolhida;
- Elaborar e produzir os (3) episódios da temporada levando em consideração a linha editorial;
- Explorar ferramentas de linguagem verbal e não-verbal (sons) para a criação de uma narrativa em um formato comunicacional de áudio (podcast);

Dessa forma, o presente trabalho foi dividido entre referencial teórico, considerações metodológicas e descrição do produto. Durante a segmentação teórica, apresento o conceito de gênero segundo Scott (1995), e faço uma breve introdução sobre as vertentes do feminismo (PISTICELLI, 2001). Em seguida, aponto sobre o conceito de masculino genérico (HARDING, 1989) e a criação de um feminismo “universal”, enfatizando a importância de uma perspectiva interseccional (ZANELLO, 2022).

Também nas referências sobre feminismo, contextualizo algumas informações sobre casamento que foram utilizadas no projeto (ARAÚJO, 2002; DURHAM, sd²; GIDDENS, 1993; LERNER, 2019), e retomo o processo de divisão da vida pública e privada, que ocorre no século XVIII e muda as lógicas de gênero, de forma que perpassa por princípios de dominação (BARROS; CURTI-CONTESSOTO; DEÂNGELI, 2021). Por fim, conecto essas observações à construção e ao conceito de performances de gênero (BUTLER, 1990) e finalizo com a conceituação dos dispositivos amoroso, materno e de eficácia, por Zanello (2018).

Ainda no referencial teórico, apresento uma breve história do podcast, e seus principais elementos de diferenciação (BARBOSA, 2015; SILVA, 2019), bem como introduzo o conceito de jornalismo especializado (SILVA, 2019). Nas considerações metodológicas, contextualizo o método experimental (SILVA, 2019) e apresento alguns elementos do jornalismo narrativo (BARBOSA, 2015), apontando algumas observações sobre o podcast “Amor sob contrato”. Já na análise de produto, justifico minhas decisões e apresento trechos, dividindo a análise entre arco narrativo, roteiro e narrativa, recursos sonoros e nome e identidade.

O produto final está disponível para análise em formato de áudio (*mp3*), material entregue junto a este. Ainda que a publicação prévia não tenha ocorrido, pretendo publicá-lo em alguns agregadores posteriormente. Isso porque o meu objetivo não foi divulgá-lo para analisar o retorno do público, e sim explorar a parte produtiva do processo.

² Disponível em: <<http://www.abep.org.br/~abeporgb/publicacoes/index.php/anais/article/viewFile/214/210>>

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Após a definição do tema, a próxima etapa foi constituída de uma revisão do estado da arte no que se refere a trabalhos que pautassem algum dos elementos-chave da produção: gênero, casamento e emocionalidades. Essa busca tinha a intenção de entender quais as possibilidades de intersecção entre os temas para, assim, se criar o eixo narrativo do podcast. De maneira geral, a pesquisa ocorreu de leituras gerais para outras mais específicas.

A decisão sobre o formato e a busca por referências práticas³ foi feita posteriormente, pensando no que melhor se encaixaria com as intenções do produto – construir uma narrativa a partir de diferentes leituras teóricas sobre o assunto, utilizando uma linguagem acessível. Pelo fato do cerne da produção ser justamente a curadoria de diferentes perspectivas e vozes sobre a temática, e posteriormente a organização dessas informações, foi definido que o formato seria de um podcast narrativo - utilizando alguns elementos de storytelling.

Em ambas as etapas - mas especialmente na primeira, que acabaria por resultar na escolha de fontes para o podcast - foi de grande preocupação a busca por autoras e autores que se propusessem a subverter os referenciais hegemônicos de história, amor romântico, e emocionalidades intrínsecas ao feminino e masculino. Na busca por trazer um olhar mais próximo da realidade da produção e do público-alvo, também foi intencional a utilização de autoras brasileiras.

2.1. GÊNERO, FEMINISMO E HISTÓRIA

2.1.1. Conceito de gênero, feminismo e universalização masculina

A fim de construir uma organização de conceitos, foi essencial o posicionamento de pesquisa a partir da perspectiva dos estudos de gênero. Segundo Scott (1995), de maneira mais recente, a palavra gênero surge para se referir à organização social da relação entre os sexos. A palavra, utilizada por feministas para substituir o termo “mulher” no vocabulário analítico, serve como forma de indicar uma rejeição ao determinismo biológico da diferença sexual.

³ Foram referências para esse produto o canal “Tempero Drag”, da drag queen Rita Von Hunty (por Guilherme Pereira) – que debate leituras teóricas com uma linguagem acessível; e o quadro de conteúdos do reels no Instagram “Não é por Akhaso”, da Hana Khalil – pela linguagem conversacional e opinativa.

O termo "gênero", além de um substituto para o termo mulheres, é também utilizado para sugerir que qualquer informação sobre as mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica o estudo do outro. Essa utilização enfatiza o fato de que o mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens, que ele é criado nesse e por esse mundo masculino. Esse uso rejeita a validade interpretativa da idéia de esferas separadas e sustenta que estudar as mulheres de maneira isolada perpetua o mito de que uma esfera, a experiência de um sexo, tenha muito pouco ou nada a ver com o outro sexo. (SCOTT, 1995, p. 75)

“Gênero”, que foi utilizado com maior intensidade após a década de 1980, é referente, então, a todo sistema de relações que pode incluir o sexo – mas não necessariamente é determinado por ele ou pela sexualidade. Nesse sentido, Zanello (2022) o define como um conceito relacional, que sempre implica em relações de poder. Scott (1995) aponta que os historiadores feministas têm aplicado três principais abordagens na análise de gênero: explicar as origens do patriarcado; propor críticas feministas atreladas ao pensamento marxista; e explicar a produção e reprodução da identidade de gênero do sujeito.

Os estudos feministas se posicionam de forma a afirmar a existência da subordinação feminina, mas diferenciam-se em vertentes no que se refere às causas e às possíveis soluções para essa subordinação. O ponto de encontro seria o caráter social desta – o fato de a dominação masculina ter sido construída socialmente. Portanto, conforme Pisticelli (2001, p.2), a ideia subjacente é a de que “o que é construído pode ser modificado”.

O feminismo radical indica que as causas da subordinação feminina se encontram no processo reprodutivo. Como assinala Pisticelli (2001), essa perspectiva indica que os papéis desempenhados nos processos de reprodução são fatores fundamentais e que resultam na dominação dos homens sobre as mulheres. O corpo ocupa um papel central, “de onde emana e para onde convergem a opressão sexual e a desigualdade” (PISTICELLI, 2001, p. 4). A libertação feminina, então, estaria atrelada ao controle feminino sobre os mecanismos de reprodução. A categoria “mulher” tem suas raízes no feminismo radical, que observa a opressão feminina como elemento primário entre mulheres (apesar das diferenciações de raça ou classe, por exemplo).

Já o feminismo socialista se posiciona de forma a conferir a opressão feminina como baseada na divisão sexual do trabalho. A estrutura da família (opressora às mulheres) teria como base material a estrutura de classes, sendo a instituição do casamento monogâmico moderno, que ocorreu no século XVIII, intrinsecamente associada ao desenvolvimento do capitalismo. Segundo Lerner (2019), a análise marxista foi importante para o pensamento acadêmico feminista, tendo, principalmente, os apontamentos de Friedrich Engels influenciado

diretamente as produções que viriam a seguir – fossem as suas intenções reafirmar ou refutar os argumentos do autor. Nessa perspectiva, a opressão das mulheres, estruturada a partir da exploração de classes, cairia por fim na superação do capitalismo em uma sociedade livre de classes.

Para além disso, Harding (1989, p.3) diz que “O feminismo tem tido um importante papel na demonstração de que não há e nunca houve ‘homens’ genéricos - existem apenas homens e mulheres classificados em gêneros”. O caráter universalizante do homem como referência foi questionado por autoras como Simone de Beauvoir e criticado pelo fato de que o apagamento de narrativas femininas se apresentaria como uma instância de opressão.

Nessa lógica, Scott (1995, p.73) reflete que “inscrever as mulheres na história implica necessariamente a redefinição e o alargamento das noções tradicionais daquilo que é historicamente importante”. Assim, se torna essencial a compreensão dos estudos de gênero não como algo à parte ou como releituras, e sim como práticas analíticas que questionam o pensamento tradicional, sendo gênero parte constitutiva da sociedade em que vivemos.

Ainda, Harding (1986) aponta que esse masculino genérico não se refere a qualquer masculino – e sim aos homens heterossexuais, brancos, burgueses e ocidentais.

Uma vez entendido o caráter arrasadoramente mítico do "homem" universal e essencial que foi sujeito e objeto paradigmáticos das teorias não feministas, começamos a duvidar da utilidade de uma análise que toma como sujeito ou objeto uma mulher universal - como agente ou como matéria do pensamento. Tudo aquilo que tínhamos considerado útil, a partir da experiência social de mulheres brancas, ocidentais, burguesas e heterossexuais, acaba por nos parecer particularmente suspeito, assim que começamos a analisar a experiência de qualquer outro tipo de mulher. (HARDING, 1986, p.1)

A autora aponta que, na busca de teorias que formulem uma única versão feminista da história humana, “se arrisca a reproduzir, na teoria e na prática política, a tendência das explicações patriarcais para policiar o pensamento” (HARDING, 1986, p.3). A criação de um feminismo e de uma mulher “universal” e a hierarquização do gênero em relação a outros aspectos como classe, raça, sexualidade e origem, acabam por ignorar a diversidade de mulheres que surgem na discussão.

Visto isso, para o desenvolvimento deste trabalho, buscou-se um olhar interseccional que vá contra essa perspectiva genérica. Sendo a interseccionalidade “não apenas de um somatório de diferentes opressões, mas como elas se inter cruzam e adquirem conformações específicas

para certos grupos” (ZANELLO, 2022, p. 35). Porém, gostaria de ressaltar as limitações relativas a esse aspecto, devido não apenas o projeto ser conceituado a partir de três episódios que duram, em cerca, 20 minutos, mas também a necessidade de se definir um referencial narrativo entre as diversas experiências que atravessam a temática abordada. Se torna necessário ressaltar que este trabalho teve intuito de representar alguns aspectos que permeiam a subordinação feminina e o condicionamento de emocionalidades a partir das performances de gênero - limitados por grupo social, espaço e tempo. Nesse sentido, pensando que meu objetivo era introduzir o ouvinte à temática da subordinação de gênero e denunciar lógicas de dominação em relações heterossexuais de uma maneira mais geral, aspectos mais específicos de raça, classe e outros espectros de sexualidade não foram incluídos na experimentação.

2.1.2 Pesquisas específicas: casamento ocidental, performance e emocionalidades

Assim como as escolhas relativas a incluir (ou excluir) a participação de determinados grupos sociais nas narrativas que constituem o que chamamos “história da humanidade”, o desenvolvimento do ideal de casamento ocidental foi marcado por um contexto político, econômico e cultural - que, por sua vez, também era cercado por interesses.

Araújo (2002), Durham (sd) e Giddens (1993) são autores que colaboram para elucidar que esse modelo remonta ao século XVIII, na Europa. Antes disso, Araújo (2002) ressalta que o matrimônio servia essencialmente e era visto como um sistema de trocas entre duas famílias. A união poderia ocorrer por diferentes motivações: pela divisão sexual do trabalho (comum na antiguidade e, posteriormente, entre comunidades menos abastadas); ou por interesses econômicos (entre a burguesia, com a intenção de unir e aumentar a riqueza de ambas as famílias).

Nesse contexto, Lévi-Strauss (1969 apud LERNER, 2019, p. 77) aponta: “A relação total de comércio que constitui o casamento não é estabelecida entre um homem e uma mulher [...] mas entre dois grupos de homens, e a mulher representa apenas um dos objetos da transação, não uma das partes”. Com sua origem neste caráter comercial, Giddens (1993) ressalta que a afetividade e o erotismo não faziam parte da lógica do casamento – sendo ambos habitualmente destinados para fora dele.

Como indica Araújo (2002), a partir do século V o matrimônio se tornaria âmbito de controle da igreja – servindo como mecanismo para regular comportamentos e, principalmente,

a sexualidade da população. Durante esse período, acabou por se criar um caráter idealizado sobre a união entre os parceiros:

O preceito de que era precioso devotar-se a Deus para conhecê-lo [...] tornou-se parte de uma unidade mística entre o homem e a mulher. A idealização temporária do outro, típica do amor apaixonado, aqui se associou a um envolvimento mais permanente com o objeto do amor [...] (GIDDENS, 1993, p. 50).

A fidelidade seria estabelecida como valor a partir da monogamia instituída pela igreja, sendo o casamento o único âmbito aceitável para exercer a sexualidade – e esta, contida e com fins procriativos. Mas, de maneira geral, a fidelidade feminina já era uma preocupação social antes mesmo dos avanços católicos sobre o matrimônio (ARAÚJO, 2002), sendo a herança um dos motivos para tanta atenção. Isso ainda seria, posteriormente (e principalmente a partir do século XVI), intensificado com o desenvolvimento dos conceitos de propriedade privada – sendo a infidelidade masculina sempre vista com mais “leveza”.

No século XVIII, com a revolução francesa e o desenvolvimento do capitalismo, começa a ocorrer a dessacralização do matrimônio – sendo exacerbados valores atrelados ao individualismo. Seria o início de conceitos como amor romântico e do casamento “moderno”, atrelado ao erotismo. Nesse período, ocorreria a separação entre a vida pública – da política, do trabalho, da palavra – (destinada aos homens) e a privada – da família, do sexo, do casamento - (destinada às mulheres) e a criação dos ideais relacionados a papéis de gênero dentro da família (ZANELLO, 2018).

Ainda que esse momento não seja o ponto de partida para pensar o início da subordinação feminina - existem registros anteriores sobre essa relação (LERNER, 2019) -, nesse período, as lógicas que organizavam gênero passam por uma rearticulação. Nesse sentido, segundo Barros, Curti-Contessoto e Deângeli (2021), o público e o privado se relacionam a partir de princípios de dominação, sendo essa submissão feminina

[...] resultante daquilo que ele chama de “violência simbólica, uma violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento”. (BORDIEU, 2016, p. 11-12 apud BARROS, CURTI-CONTESSOTO, DEÂNGELI, 2021, p. 59)

Para Zanello (2018), o próprio matrimônio é uma estrutura assimétrica. Citando Federici (2019a, 2019b), a autora afirma que “o capitalismo se firmou em cima da divisão sexuada do

trabalho e ‘naturalizou’, invisibilizando o trabalho de cuidar que atribuiu às mulheres” (ZANELLO, 2022, p. 34).

Essa divisão teria como justificativa a diferença sexual, que seria exacerbada durante esse período. Segundo Zanello (2022), no século XVIII ocorreria uma mudança na forma de retratar o sistema reprodutor de homens e mulheres: se antes o enfoque da ciência estava nas semelhanças (baseada na perspectiva aristotélica de que a mulher seria um homem incompleto), a partir desse momento seriam enfatizadas as diferenças. É nessa época que conceitos como o de “instinto materno” e novas perspectivas sobre a esposa ideal e o ideal de masculinidade seriam estabelecidos. Como a reprodução desses padrões, Butler (1990) definia a existência social baseada no gênero como uma estilização de performances – definidas por esse olhar binário “homem-mulher”.

Por fim, Zanello (2018, 2022) conceitua que as emocionalidades seriam também influenciadas diretamente por esses referenciais, tendo como consequência dispositivos comportamentais específicos no que se refere ao comportamento feminino e masculino no Brasil. Seriam eles o dispositivo amoroso, o dispositivo materno e o dispositivo da eficácia. De maneira geral, o que esses dispositivos correspondem é a subjetivação feminina baseada no cuidado e na terceirização da autoestima – focada no heterocentrismo – e na subjetivação masculina alicerçada na construção de masculinidade hegemônica a partir de violências e da misoginia, valorizando a vida laboral e performance sexual.

2.2 O PODCAST

2.2.1 Podcast como formato

O termo “podcast” foi citado pela primeira vez em 2004, pelo jornalista Ben Hammersley para o *The Guardian* (BARBOSA, 2015). Considerada uma “nova mídia” (BARBOSA, 2015), o podcast é caracterizado por suas particularidades, sendo considerado uma modalidade do rádio sobre demanda (SILVA, 2019). Uma delas é o fato de ser situado na internet: em 2004, já existiam conteúdos em áudio disponíveis nas redes, mas a tecnologia RSS (*Really Simple Syndication*) foi o impulsionador para o seu sucesso.

Como define Barbosa (2015, p.13), o feed RSS é um método de um programa agregador ser avisado quando houver conteúdo novo de um determinado programa, podendo até fazer download automaticamente – “ou seja, o conteúdo vai até o usuário e não o contrário”. Segundo

a autora, foi depois da transferência desses arquivos via RSS para o iTunes – o único programa que abastecia os iPods, os mais populares tocadores de mídia da época – que o formato se popularizou. Daí o nome pod (de iPod) + casting (de broadcasting, a transmissão pública e massiva de informações).

Posteriormente, em 2005, a Apple chegaria a criar uma ferramenta específica para os podcasts no iTunes: “Mais de 3 mil podcasts ficaram disponíveis gratuitamente e, em apenas 2 dias, já havia mais de 1 milhão de pessoas inscritas nos programas” (BARBOSA, 2015, p.13). A nova mídia, então, também acabaria por ficar disponível em outros agregadores.

A partir desse momento, o podcasting representou uma nova forma de vivenciar a comunicação auditiva (BARBOSA, 2015) – multiplicando-se em número e diversificando suas temáticas ao longo do tempo. Entre seu nicho, o grande destaque vai para o podcast “Serial”⁴, com mais de 73 milhões de downloads até 2015 (BARBOSA, 2015). Segundo a reportagem⁵ da Central de Notícias Uninter por Maria Carolina Avis, o relatório do DataReportal 2023 revelou o Brasil como o país que mais consome conteúdo por podcast no mundo - 42,9% dos usuários de internet, com idade entre 16 e 64 anos, escutam toda semana.

Alguns elementos explicam o fenômeno, Barbosa (2015) pontua:

A atemporalidade é uma das mais importantes características do podcast. Os programas têm vida longa, pois ficam disponíveis para download indefinidamente. Podem ser baixados e escutados pelo usuário a qualquer momento, quantas vezes ele quiser. O tempo, em vários sentidos, é questão flexível quando se trata de podcast. O ouvinte consegue “percorrer” um episódio e voltar para escutar algo de novo ou pular uma parte. Ao produtor de podcast, a periodicidade é opcional, já que, com o feed RSS, o usuário ficará sabendo quando houver conteúdo disponível (Assis, 2014). Do mesmo modo, o podcast pode ser ouvido onde a pessoa desejar, por meio de um smartphone, um iPod, um tablet, o aparelho de som do carro, um computador, entre outros dispositivos. Não existem os limites de uma grade de programação ou do alcance geográfico das ondas eletromagnéticas, como na radiodifusão. Ao consumidor, basta eleger um assunto de sua preferência ou qualquer outra motivação. (BARBOSA, 2015, p. 15)

Sobre essa nova dinâmica de poder no consumo de conteúdo em áudio, Barbosa (2015) comenta que o fenômeno dos podcasts gera mais liberdade ao ouvinte, que tem poder de decisão sobre o que quer ouvir, da forma que quer e quando quiser. Essa maior liberdade também é encontrada na outra ponta da relação comunicacional, visto que o processo de se produzir e

⁴“Serial” é um podcast americano de jornalismo investigativo que revolucionou o formato por trazer o caráter serializado ao contar uma história real por temporada. Disponível em: <<https://serialpodcast.org>>

⁵ Disponível em: <<https://www.uninter.com/noticias/brasil-e-o-pais-que-mais-consome-podcast-no-mundo>>

difundir conteúdos de áudio foi facilitado pela internet e pelos gravadores de áudio, encontrados em boa parte dos dispositivos móveis (SILVA, 2019).

A escolha do ouvinte quando se trata do tema ou assunto de preferência, no contexto deste trabalho, pode ser associada ao conceito de especialização jornalística. Comum em revistas – que pautam com fôlego determinado assunto como moda, esportes, culinária, etc. – a especialização se refere ao aprofundamento temático. O jornalismo especializado se diferencia do jornalismo segmentado pelo fato de que o segundo “implica mais o recorte de público, e menos a contração temática, podendo cobrir vários assuntos” (BUIIONI, 2013, p.110 apud SILVA 2019, p. 12). Assim, o presente trabalho se define como um podcast narrativo de jornalismo especializado na temática de gênero e emocionalidades.

3. CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

3.1 MÉTODO EXPERIMENTAL

Para além de seu formato e linguagem, este podcast se trata de um projeto experimental. Em referência à classificação de Aranzeta (2006), Silva (2019, p. 28) conceitua o “experimento” como “uma experiência científica na qual se provoca deliberadamente alguma mudança e se observa e interpreta seu significado com alguma finalidade cognitiva”.

Nessa lógica, com o “Amor sob contrato”, busquei experimentar alguns elementos: produzir um conteúdo jornalístico com a temática de gênero utilizando de um estilo narrativo; utilizar e transpor análises teóricas e conteúdos que eram, em sua maioria, no formato de texto, para um formato de áudio; filtrar e esclarecer conceitos teóricos, utilizando uma linguagem acessível que fosse correspondente ao público-alvo; gravar a locução fora de estúdio; criar uma narrativa que referenciava diversas fontes; e utilizar efeitos sonoros, música e sonoras de terceiros como recurso narrativo.

Sendo o produto um podcast, para além do teor especializado do conteúdo em relação à temática de gênero e do estudo e utilização de recursos narrativos, foi necessário considerar a lógica produtiva que envolve o meio. É importante salientar que o trabalho se trata de uma experimentação, sujeita a erros e problematizações. Pensado nisso, as limitações enfrentadas também servem de referência, produzindo conhecimento através da experiência.

3.2. APLICAÇÃO: UM CONTEÚDO JORNALÍSTICO DE GÊNERO

Como comentado antes, a noção de que eu gostaria de trabalhar com gênero e podcast em meu trabalho de conclusão de curso esteve clara há um tempo – mais especificamente, desde o início da disciplina de Teorias Aplicadas em Comunicação 1 -, mas o que me direcionou para falar sobre gênero e emocionalidades foi a leitura do livro “Tudo sobre o amor, novas perspectivas”, de Bell Hook. Nele, a discrepância na experiência de amar entre homens e mulheres me fez questionar quais elementos influenciavam a lógica relacional em uniões heterossexuais.

Como uma mulher que se identifica como bissexual, vivi experiências pessoais que, ao observar com mais cuidado, reproduziam essa discrepância – e percebi o quanto, em uma relação entre um homem e uma mulher, é possível encontrar resquícios de dominação. A partir desse momento, aconteceu o processo de pesquisar e buscar entender como essas temáticas se relacionavam e o que, afinal, existia de literatura para conseguir responder essas perguntas.

Iniciei minha pesquisa por obras que tratavam o gênero e a subordinação feminina de uma forma mais geral, seguindo para a leitura de referências mais específicas. Ao longo desse processo, decidi que gostaria de fazer um arco entre: a instituição do casamento, o capitalismo, performance de gênero e os conceitos de dispositivo trazidos por Zanello (2018) como decorrentes do sistema patriarcal.

Foi definido, então, que o modelo que melhor se encaixava com meus objetivos para o trabalho seria de um podcast narrativo, com a narração servindo de fio condutor das ideias e a utilização de recursos sonoros para ambientar e provocar experiências ao ouvinte. Foi pensado como público-alvo predominantemente mulheres brasileiras, entre 16 e 35 anos, que já tenham o hábito de consumir podcasts. Visto o seu perfil jovem e amplo – ou seja, o fato de não ser necessário ser estudioso na área de gênero para poder consumir o podcast -, a linguagem pensada foi acessível, de uma forma a se conseguir expressar as ideias referenciadas de teorias feministas para um público leigo. Mediante a definição dos conteúdos, foi planejado um total de 3 episódios (1 temporada) com, no máximo, 20 minutos de duração cada.

É importante ressaltar que o meu objetivo era especificamente experimentar o processo de produção, então não considerei como iria ocorrer a divulgação ou quais plataformas de agregadores seriam escolhidas, caso o produto fosse divulgado. Ainda assim, acredito que escolheria plataformas que não apresentam custo para uso na forma padrão – como Spotify e Youtube.

3.3. O PODCAST NARRATIVO

Segundo Barbosa (2015), o documentário (assim como a grande reportagem, o especial e o não-ficção de longo formato) via radiodifusão ou podcasting, tem como objetivo capturar a atenção do espectador. E, apesar deste projeto não ser exatamente classificado como um dos estilos citados acima, tive a intenção de explorar alguns recursos utilizados nessas tramas.

Para a autora, a aceitação da subjetividade é um dos elementos que distingue esses trabalhos, já que “essas narrativas unem ideias e experiências, conduzindo por meio do som a construção de imagens na mente do ouvinte, que acaba por ser um participante ativo do processo” (BARBOSA, 2015, p. 27).

Por esse aspecto, a informação e o entretenimento podem, muitas vezes se misturar,

Os podcasts americanos fazem o que chamam de jornalismo narrativo. Acho que isso os tem tornado muito interessantes. Usam storytelling, técnicas bem fortes para contar histórias, e então misturam isso com jornalismo. Se você está escutando um documentário produzido por um jornalista em quem você confia, sabe que os argumentos desenvolvidos não são falsos, que pode confiar. É isso que é tão interessante com essa nova revolução do podcast. Os programas que são produzidos por jornalistas estão empregando maneiras mais criativas de fazer as pessoas escutarem. (LINDGREN, 2015 apud BARBOSA, 2015, p. 29)

A seguir veremos alguns recursos – sons, música e narração - que auxiliam nesse processo e que busquei utilizar no desenvolvimento do “Amor sob contrato”.

3.3.1. Sons

Sendo comuns em produções de áudio de longo formato, os sons

[...] carregam significados e têm a capacidade de mover os ouvintes entre o passado, o presente e o futuro, e de onde estão para o outro lado da cidade ou do mundo. Eles podem ser aplicados com finalidades mais informativas e objetivas, mas podem também e, segundo muitos profissionais da área, devem ser aproveitados alegoricamente, nos mais variados níveis. Os sons podem servir como atalhos, de modo que o pio de uma coruja significa noite, sirenes indicam drama e trauma e tictac de um relógio representa a passagem do tempo (Lindgren, 2011, p. 55). Um som pode ter conexão com algo maior, mais complexo, na narrativa em questão. (BARBOSA, 2015, p.35)

Nessas produções, os sons podem ser divididos em duas categorias: sons naturais (gravações da vida real) e efeitos especiais (capturados em estúdio e disponibilizados em bibliotecas de som). O uso do silêncio também transmite significado, podendo este ser aplicado

das mais diversas formas, como em uma pausa entre frases – que pode representar dúvida ou reflexão -, ou através de um silêncio “não tão silencioso” – como um “barulho atmosférico” de uma igreja ou de uma floresta, por exemplo.

Dessa forma, a utilização de sons é uma ferramenta para contar histórias, capturar a atenção do ouvinte, conduzi-lo pela narrativa, situá-lo em espaço-tempo e incitar sensações ou pensamentos. Referenciando Hall (2010), Barbosa (2015, p. 34) descreve como um verdadeiro mergulho na psiquê humana, de forma que transmite sentidos e “por mais que conscientemente o ouvinte não reconheça, ele absorve esses significados”, sendo o som uma “uma chave de acesso ao inconsciente humano”.

3.3.2. Música

Assim como os sons, a música não é necessariamente um elemento obrigatório na produção de áudios de longo formato, mas sim uma ferramenta. Segundo Barbosa (2015), ela funciona como pano de fundo – podendo servir para criar senso de tempo e espaço, pontuação entre ideias ou para elevar o impacto emocional e evocar emoções.

Porém, o ideal é que ela se desenvolva de forma orgânica ao material (BARBOSA, 2015), visto que costuma carregar muito sentimento, correndo o risco de trivializar o conteúdo ou sentimentalizar demais a mensagem (BARBOSA, 2015 apud HALL, 2010).

3.3.3. Narração

Segundo Barbosa (2015, p.36), “Os principais objetivos da narração são: conectar os diferentes elementos que compõem de um enredo; descrever pessoas e lugares; e apresentar fatos e informações como hora, local, nome e atribuição dos entrevistados”. Mas para além disso, no geral, uma boa narração deve ser clara, evitar termos complexos e emular a oralidade.

Isso pode ser feito das mais diferentes maneiras, o narrador

pode ser grandioso como um Deus que enxerga todas as partes do programa e lê as mentes dos participantes, ou pequeno e astuto como uma voz interior que sussurra. Pode ser formal ou informal, cheio de humor ou sério, crítico ou amigável, quase invisível e objetivo ou muito notável, dominante e subjetivo. (BARBOSA, 2015, p. 36)

Segundo Barbosa (2015), na chamada “abordagem confessional” - o narrador que se apresenta próximo e conversador, expõe comentários e, muitas vezes, até dúvidas, experiências e etapas da produção com o ouvinte - tem sido uma das maiores diferenças dos rádio documentários para os atuais podcasts.

O importante é como esses aspectos servem e impactam a narrativa. E assim como os sons e a música, esse elemento auxilia a criar a atmosfera e influência como o ouvinte interpreta, absorve e se sente sobre o assunto abordado. Essa ferramenta também é muito livre: podendo ser gravado no estúdio, no lugar dos acontecimentos, ou até “ao vivo”, em casos que oportunizem essa opção. Tais decisões, assim como todas as outras, devem ser intencionadas.

4. PRODUTO

Retomo, então, que o presente trabalho constitui em uma experimentação através de um podcast de jornalismo especializado no formato narrativo, cuja temática é gênero e emocionalidades. O objetivo do podcast era provocar questionamento, utilizando de referências feministas através de uma linguagem acessível, de forma que levantasse a pergunta: **como o patriarcado e o sistema capitalista influenciam a forma como nos relacionamos amorosamente?** E como gênero atravessa essa lógica? Nos pontos abaixo, farei algumas observações sobre o processo de produção e sobre o produto, intitulado “Amor sob contrato”.

4.1. ARCO NARRATIVO

O podcast se estabelece a partir de um arco de três episódios. A ideia foi pensar em uma temporada, com episódios que retratam tópicos aparentemente diferentes, mas que se conectam entre si. Idealmente, os episódios devem ser ouvidos em ordem (#01; #02; #03), visto que, apesar de, às vezes, ocorrer a retomada de alguns pontos de episódios anteriores, a construção do conhecimento ocorre de forma progressiva.

Ainda assim, a intenção foi que os episódios se complementassem, tendo perguntas do episódio #01 que são respondidas no #02 ou no #03; e no episódio #03, referências narrativas que são citadas no episódio um. Neste caso, explicarei com mais detalhe a seguir.

Pretendi fazer uma brincadeira com a ideia de tempo e espaço, de forma que os episódios foram nomeados: “Episódio #01: O fim”; “Episódio #02: O começo”; e “Episódio #03: O através”. Foi uma forma de retratar o fato de que, ao se pensar em gênero, emocionalidades – e, mesmo, história e sociedade - o passado influencia constantemente o presente e nossas perspectivas para o futuro, muitas vezes, são reflexos do nosso passado.

O primeiro episódio (#01: O fim) trata de uma introdução à temática e às questões do podcast. “O fim” se refere ao fim de uma jornada muito esperada - chegar ao destino. “Fim”, neste caso, pode também ser interpretado pelo sentido de “finalidade”. A partir disso, o “fim” representa a chegada no objetivo final, “finalidade” da vida feminina (segundo a sociedade patriarcal): o casamento. No minuto (0’18”) ouvimos: “Chegamos ao fim de mais uma história. Para ela, a finalidade de sua vida; para ele, o fim de sua liberdade”, indicando como a visão acerca desse momento é contrastante entre homens e mulheres.

Neste episódio, são levantadas as questões essenciais sobre a temporada, propondo uma reflexão: se a finalidade essencial da vida feminina é romance, o que acontece depois do “casaram e viveram felizes para sempre”? Questiono em (0’40”) “E se não deu certo é porque ainda não acabou, o que fazer quando se chega ao tal final e o resultado não é tão como esperávamos?” e faço um convite ao ouvinte em (1’54”) “Eu te convido a questionar algumas – porque são muitas – das lógicas que influenciam como nos relacionamos, como nos vemos como sujeitos, e conseqüentemente como agimos, como pensamos, como sonhamos – e por aí, sigo listando infinitos verbos”.

A ideia, então, é deixar claro que o “felizes para sempre” só existe nos contos de fadas – onde a história, em algum ponto, termina -, sendo na realidade, o casamento só um começo – de uma fase de vida e da narrativa do podcast. A seguir, o foco se direciona para a instituição: como se desenvolveram as referências de casamento, amor romântico e monogamia que conhecemos hoje; e como a colonização e, posteriormente, a criação da legislação brasileira podem ter influenciado nossa visão sobre casamento e papéis de gênero no país.

Já o segundo episódio (#02: O começo) é sobre as referências que carregamos sem nem saber: como o nosso passado, mesmo que aparentemente distante, influencia o nosso presente e futuro. É utilizada uma sonora do filme “A viagem de Chihiro” que diz em (0’39”) “Nada que acontece é esquecido para sempre, mesmo que não consiga lembrar”. Em seguida, são retomados estudos históricos e antropológicos que contextualizam o início da divisão sexual do trabalho, a subordinação feminina e o, posteriormente explicado, conceito de performance de

gênero. Por fim, conectando-se ao episódio #01, como as mudanças decorrentes da revolução industrial e do desenvolvimento do capitalismo moldaram as referências de família e papéis de gênero que temos hoje.

No terceiro episódio (#03: O através) tratei especificamente da pergunta central do podcast: como a sociedade patriarcal e o sistema capitalista influenciam nossas formas de se relacionar amorosamente? E como gênero é um aspecto de análise nesse sentido? Neste episódio, faço uma pequena retomada aos dois anteriores, que serviram de contextualização e construção teórica para responder essas perguntas.

No fim, retomo também o episódio #01, ao dizer no minuto (22'15") que “Por fim, arrisco dizer que o que parecia ser o fim do caminho não é o fim – e sim, só o começo. Entre todas as incertezas, talvez possa se dizer que o único verdadeiro caminho, é através”. A intenção foi deixar claro que não existe fim nem começo, e sim um caminho que não é linear e será diferente para cada pessoa. Mas que, ainda assim, a única verdadeira forma de se caminhar - em direção à liberdade - é indo através: ao questionar e buscar enxergar como as lógicas culturais induzem nossas escolhas e comportamentos.

4.2. ROTEIRO E GRAVAÇÃO

Após a realização das leituras prévias sobre a temática, a estruturação da linguagem e a busca por referências, ocorreu a produção dos roteiros. Como comentado anteriormente, para o desenvolvimento deste produto, houve um processo de transformação de um conteúdo – majoritariamente – em texto para um formato em áudio. Esse fato impõe algumas dificuldades no processo, que foram solucionadas à medida que os roteiros tomaram forma.

Nesse sentido, optei por um estilo de narração onipresente, com uma narradora que dispõe das informações e, ao longo dos episódios, as divide com o ouvinte, à medida que o mesmo desenvolve os próprios pensamentos. Ainda assim, busquei por uma abordagem coloquial, que se aproximasse desse ouvinte, falasse diretamente com ele, imaginasse e previsse suas reações – e compartilhasse com ele, inclusive, suas dúvidas e opiniões pessoais.

A escolha dessa “abordagem confessional” foi justamente para buscar uma conexão com o público, de forma que ele visse a narradora como uma amiga, que estaria prestes a contar uma história. A busca por essa intimidade também permitiu o uso de um posicionamento, por vezes,

irônico - quase que indignado com algumas das informações que estaria a repassar -, num tom de conversa.

A abordagem confessional foi expressa através de comentários feitos entre informações – que poderiam conter observações, complementações, alinhamento de expectativas e até opiniões. Segue abaixo alguns exemplos:

#01 (4’46”) “ ‘[...] E a mulher representa apenas um dos objetos da transação, não uma das partes’, fecha aspas. **Lembra a parte da cerimônia em que o pai entrega a noiva no altar?**”

#01 (3’49”) “Em uma época em que as diferenças biológicas justificavam a divisão sexual do trabalho (**vamos falar mais sobre isso nos próximos episódios**), as trocas [...]”

#02 (14’37”) “Mas entre as intersecções que podemos (**e devemos**) fazer [...]”

#03 (9’45”) “Esse ideal estético é aquele que também vemos na TV e nas revistas (**o ideal branco, loiro, magro e jovem**).”

A escolha de referenciar as leituras especializadas sobre gênero foi através de citações diretas e indiretas, lidas pela própria narradora. Nesse processo, foi extremamente necessária a atenção à oralidade, aspecto considerado na produção dos roteiros e depois revisado durante as gravações.

Um fator importante para isso foi a testagem – de diferentes tons, ritmos e espaços de gravação. Considerando o aspecto das múltiplas experimentações, o tempo de produção, os recursos disponíveis e a disponibilidade dos estúdios de gravação oferecidos pela UFSM, a narração, então, foi realizada por mim, utilizando um microfone do tipo headset.

4.3. RECURSOS SONOROS

Para além da narração, foi utilizada uma sonora, gravada da mesma forma por um convidado, Fernando Braga. Definida para uma parte específica do primeiro episódio, a intenção foi introduzir uma voz masculina para trazer dinamicidade ao produto e expressar sentido relacionado a um trecho específico, sobre o qual explicarei melhor a seguir.

Ao total⁶, foram utilizados 14 efeitos sonoros diferentes – com alguns sendo incluídos mais de uma vez -, 5 sonoras (2 trechos de filmes; 1 trecho de um vídeo do Youtube; 2 locuções auxiliares, citadas anteriormente), e 2 músicas. Os efeitos de som e ambientação foram retirados das bibliotecas de sons gratuitos Soundgator e Wixhit, assim como de canais que disponibilizam efeitos sonoros para uso público no Youtube. O trecho do vídeo foi retirado do canal “Tempero Drag”, da drag queen brasileira Rita Von Hunty, criada por Guilherme Pereira.

As sonoras de filmes foram retiradas das versões dubladas das obras “A viagem de Chihiro” e “A branca de neve e os sete anões”. E as duas músicas incluídas foram um instrumental do Hino Nacional Brasileiro, por Francisco Manuel da Silva, e “Wedding March: Here comes the Bride”, de Richard Wagner. Esses quatro elementos foram creditados no final dos episódios utilizados, bem como as bibliotecas de áudios gratuitos.

A depender dos recursos utilizados, tive alguns **objetivos** diferentes. No início do episódio #01 (minuto **0’00”**), por exemplo, introduzi a música “Wedding March: Here comes the Bride” como uma forma de **contextualização**, para o ouvinte identificar que estaríamos falando sobre casamento.

Ainda neste episódio, utilizei o instrumental do Hino Nacional Brasileiro como trilha de fundo na sonora de Fernando. A sua locução, que foi editada utilizando efeitos de eco – como se estivesse falando em um microfone -, se referia às leis criadas no primeiro código civil brasileiro, de 1890; e às suas alterações de 2002. A escolha de utilizar outra voz para esse momento foi para tentar **representar** quem realmente articulou a legislação do nosso país: homens brancos e burgueses, sendo o hino tocado ao fundo para refletir a criação da pátria brasileira.

Outro exemplo é no minuto **05’45”**, no episódio #02, onde utilizei uma sonora de ambientação. Ao tratar de sociedades primitivas, introduzi como trilha de fundo sons de floresta, complementados pelo uivar de um lobo no minuto **6’9”**. Minha intenção foi **provocar sensações e instigar a imaginação do ouvinte** nesse momento.

A inserção dos trechos de filmes vinha acompanhada de duas intenções diferentes. No caso de “A viagem de Chihiro”, no episódio #02, minuto **0’39”**, **citei** uma frase do filme para auxiliar em um argumento narrativo (mesma intenção da sonora de Rita Von Hunty, ep. #03, no minuto **21’49”**). Já no caso do filme “Branca de neve e os sete anões”, utilizado no minuto

⁶ A lista completa dos recursos sonoros encontra-se no Apêndice A deste trabalho, página 31.

9’39” do episódio #03, o meu objetivo era fazer uma referência à frase famosa do filme, “espelho, espelho meu”, de **forma complementar** às informações que compartilhava.

Por fim, houve também efeitos utilizados como uma forma de **dinamizar a narração**, relacionando-se com o tópico narrado. Foi o caso do minuto 6’30” (#01), com o badalar dos sinos da igreja ao estar falando sobre o envolvimento da instituição com o casamento; do 8’06” (#02), com o choro de um bebê ao falar da maternidade em sociedades primitivas; e do 8’29”, com o timer de um forno apitando ao referenciar receitas culinárias.

Optei pelo uso de efeitos de som, músicas e sonoras que ocorriam em momentos específicos durante a narrativa - e não por uma trilha constante de fundo - por buscar uma maior clareza na locução, além de promover sensações diferentes a depender do momento e do episódio. Ainda que aplicados de formas e com intenções diferentes, num geral, o uso de todos os recursos sonoros teve como objetivo dinamizar a narração, ativar sentidos e captar a atenção do ouvinte.

Por fim, a trilha de abertura e encerramento foi padrão para os três episódios. Para ela, utilizei uma música retirada do *Youtube Audio Library* remixado por mim com alguns efeitos de som utilizados no podcast. A edição de todo o produto foi feita no software Audacity, por conta da minha familiarização com o mesmo devido a projetos anteriores.

4.4. NOME E IDENTIDADE VISUAL

Foi depois de boa parte do projeto articulado que comecei a considerar nomes para o podcast. Entre várias opções levantadas, “Amor sob contrato” me pareceu interessante por alguns motivos.

Considerei importante, de certa forma, utilizar uma palavra que referenciasse a temática do podcast. Nesse sentido, por mais que o projeto busque tratar sobre gênero e afetividade, ele traz como objeto central relações amorosas. Ainda, quis adicionar algo que sugestionasse a ideia de performance e papéis de gênero – de “normas” atreladas a essas relações.

“Amor sob contrato” representa, então, o fato de que a nossa forma de amar é condicionada a normas e convenções. “Contrato” também foi pensado no contexto do casamento, por representar o documento oficial para a união no jurídico.

Já a identidade visual foi desenvolvida de forma voluntária por Fernando Braga⁷, estudante de publicidade e propaganda na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Segundo ele, foram utilizadas cores que representam sentidos como o do amor romântico e da fantasia; de harmonia e de transformação; bem como de dinamicidade e de movimento. Na escolha da fonte, buscou-se um olhar disruptivo, que foge dos padrões tipográficos, trazendo formas arredondadas, com uma ideia de suavidade.



Figura 1 – Logo modelo do podcast “Amor sob contrato”, por Fernando Braga

O símbolo traz uma variação tipográfica da letra A (de “amor”), podendo ser observada também a letra C (de “contrato”) em Gestalt⁸. Também foi utilizada uma imagem de estrela, inspirada pela da versão de 2021 pela editora Elefante de “Tudo sobre o amor: novas perspectivas”, da autora Bell Hooks – livro que inspirou o projeto.

⁷ < <https://www.behance.net/nandobraga> >

⁸ Corrente teórica da psicológica que explora a relação entre figura (foco) e fundo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Produzir o podcast “Amor sob contrato” foi, definitivamente, uma das experiências mais desafiadoras e interessantes da minha graduação. Primeiro, pelo fato de a temática surgir de questionamentos que atravessam minha vida pessoal, o que tornou o processo muito mais intenso e introspectivo. Ter a oportunidade de pesquisar sobre uma temática tão importante – e, muitas vezes, negligenciada – e, por fim, compartilhar os conhecimentos encontrados através de um produto comunicacional foi enriquecedor.

O objetivo do projeto era uma experimentação através de um podcast de jornalismo narrativo, especializado na temática de gênero e emocionalidades. Em um período de dois semestres, foi realizada a pesquisa, a construção dos roteiros, a gravação, a edição e a análise do podcast “Amor sob contrato” – que se constitui em uma temporada de três episódios, com cerca de 20 minutos cada. O podcast buscava responder às perguntas: **como o patriarcado e o sistema capitalista influenciam na forma como nos relacionamos amorosamente?** E como gênero atravessa essas temáticas?

Para além da criação da linha editorial do produto, foram parte da experimentação o desenvolvimento de um podcast com estilo narrativo e linguagem acessível, trazendo fontes científicas, majoritariamente, em texto, e transformando as informações para um formato sonoro. E o uso de sons, sonoras e músicas para a construção da história, de forma a explorar diferentes possibilidades e estimular os sentidos do ouvinte, capturando sua atenção.

De maneira geral, os maiores desafios foram a organização do conteúdo, ao ter que fazer decisões em relação a manter ou cortar informações, bem como unir diferentes fontes e perspectivas, criando uma narrativa que fizesse sentido e episódios que se relacionassem entre si. Além disso, a transformação de conteúdos em texto para o formato de áudio foi uma etapa desafiadora, que demandou bastante tempo e atenção – em um processo de testes. Outro desafio foi a edição, buscando por um resultado com qualidade de áudio e conteúdo dinâmico. Este podcast foi um lembrete do quanto é complexo fazer conteúdo sonoro fluído e orgânico e o quanto ainda tenho muito a aprender.

Acredito que o “Amor sob contrato” é um podcast que promove aos seus ouvintes diversos pontos para reflexão, democratizando informações teóricas sobre gênero e explorando diferentes possibilidades ao se contar uma história. Como comentado antes, pretendo

disponibilizá-lo futuramente em algum ou alguns agregadores de áudio. Também não descarto a possibilidade de seguir com o projeto, em algum momento, elaborando outras temporadas que tratem de gênero, mas com outro enfoque.

Por fim, ressalto a responsabilidade social do comunicador e a importância de se produzir um conteúdo contra hegemônico, mas também da coragem de adquirir uma postura próxima ao ouvinte, admitindo os limites do próprio conhecimento – e das respostas. Este fim é só um começo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Maria de Fátima. **Amor, casamento e sexualidade**: velhas e novas configurações. *Psicologia: ciência e profissão*, v.22, n.2, pp. 70-77, 2002.
- AVIS, Maria. Brasil é o país que mais consome podcast no mundo. Central de Notícias UNINTER, 27 de abril de 2023. Disponível em: <<https://www.uninter.com/noticias/brasil-e-o-pais-que-mais-consome-podcast-no-mundo>> Acesso em: 7 de jul. de 2023.
- BARBOSA, Isabela. **Jornalismo narrativo em podcast**: uma análise da linguagem, da mídia e do cenário. [Trabalho de Conclusão de Curso]. Rio de Janeiro: Puc-Rio, 2015.
- BARROS, L; CURTI-CONTESSOTO, B; DEÂNGELI, M. **A(s) identidade(s) da mulher traduzida(s) nos conceitos denominados pelo termo casamento civil ao longo da história da legislação brasileira**. *Linguística*, v. 37, n.2, pp. 49-63, 2021.
- DURHAM, Eunice. **Família e casamento**, sd. Disponível em: <<http://www.abep.org.br/~abeporgb/publicacoes/index.php/anais/article/viewFile/214/210>>
- GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Unesp, 1993.
- HARDING, Sandra. **A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista**. *Signs, Journal of Women in Culture and Society*. v. 2, n. 4, p. 645- 664, 1986.
- HOOKS, Bell. **Teoria Feminista**: da margem ao centro. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- HOOKS, Bell. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2021.
- LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**: a história da opressão das mulheres pelos homens. São Paulo: Cultrix, 2019.
- PISCITELLI, Adriana. **Recriando a (categoria) mulher?** In: ALGRANTI, Leila Mezan (org.). *A prática feminista e o conceito de gênero*. Textos didáticos. Campinas, IFCH, 2002.
- SILVA, Bárbara. **Legítima defesa**: a segmentação jornalística como estratégia de construção editorial de um podcast de divulgação científica. [Trabalho de Conclusão de Curso]. Santa Maria: UFSM, 2019.
- SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul/dez, 1995, p. 71-99.
- ZANELLO, Valeska. **A prateleira do amor**: sobre mulheres, homens e relações. 1. Edição. Curitiba: Appris, 2022.
- ZANELLO, Valeksa. **Saúde Mental, Gênero e Dispositivos**: cultura e processos de subjetivação. 1. Edição. Curitiba: Appris, 2018.

ANEXO A – LISTA DE SONS

| EPISÓDIO #01 | |
|----------------------|--|
| Minutagem | Som |
| 0'00'' | (Música) “Wedding March: Here comes the Bride”, de Richard Wagner. |
| 6'30'' | (Efeito sonoro) Badaladas de um sino de igreja |
| 8'18'' | (Efeito sonoro) Dinheiro |
| 12'14'' e 16'10'' | (Música) Instrumental do Hino Nacional Brasileiro. Por Francisco Manuel da Silva. |
| 12'15'' e 16'11'' | (Sonora) Locução (voz masculina). Por Fernando Braga |

| EPISÓDIO #02 | |
|---------------------|--|
| Minutagem | Som |
| 0'39'' | (Sonora) Trecho de "A viagem de Chihiro" |
| 05'45'' | (Efeito sonoro) Ambientação de floresta |
| 6'19'' | (Efeito sonoro) Uivo de um lobo |
| 8'06'' | (Efeito sonoro) Bebê chorando |
| 9'52'' | (Efeito sonoro) Barulho de lápis/caneta escrevendo |
| 12'27'' | (Efeito sonoro) Harpa e coral |
| 12'41'' | (Efeito sonoro) Barulho de lápis/caneta escrevendo |
| 12'47'' | (Efeito sonoro) 'Click' de caneta |
| 13'25'' | (Efeito sonoro) Murmurinho |

| EPISÓDIO #03 | |
|---------------------|--|
| Minutagem | Som |
| 6'07'' | (Efeito sonoro) Virada de página |
| 8'29'' | (Efeito sonoro) Timer de forno |
| 9'39'' | (Sonora) Trecho do filme "A branca de neve e os sete anões" |
| 11'20'' | (Efeito sonoro) Barulhos de bebê |
| 11'48'' | (Efeito sonoro) Barulho de alguém varrendo o chão |
| 11'54'' | (Efeito sonoro) Barulho de louça sendo lavada |
| 16'10'' | (Efeito sonoro) Assobio |
| 21'49'' | (Sonora) Trecho do vídeo "Gênero, poder e narrativa", de Rita Von Huntzy |